



Roberta Cristina de Souza Neves

**A ascensão do negro na sociedade brasileira:
pesquisa sobre profissionais liberais e
empreendedores na Região dos Lagos-RJ**

A questão racial na classe média negra e empreendedora no interior do Estado do Rio de Janeiro.

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de especialista pela coordenação de ensino e extensão da PUC-Rio

Orientador (a): Olivia Hirsch

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho:

Aos meus pais

Roberto Teixeira Neves

e Ana Lúcia de Souza Neves,

por estarem patrocinando este sonho;

Ao meu namorado

Luiz Cláudio Matos de Melo por estar do meu lado e

por me ajudar a construir essa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Na elaboração deste trabalho devo minha gratidão a:

- Agradeço a Deus por mais essa vitória, por nunca ter me faltado nos momentos mais difíceis.
- Meus colegas de pós e os docentes, que estiveram ao meu lado em toda minha jornada acadêmica.
- Em especial ao meu namorado e aos meus pais, sem o apoio, o carinho e a dedicação de vocês o meu sonho não teria se tornado realidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1. A TRAJETÓRIA SOCIOLOGICA SOBRE RAÇAS E CLASSES SOCIAIS NO BRASIL	09
1.1 – A construção Racial no contexto sócio-histórico brasileiro	10
1.2 – As classes sociais no pensamento de Karl Max e Weber	12
1.3 – A ideologia racial brasileira sob a ótica da construção da identidade negra.....	14
2. O CONTRAPONTO SOBRE UMA ASCENSÃO SOCIAL NEGRA E AS ESTATÍSTICAS SOCIAIS .	16
2. 1– As classes sociais e a ascensão social negra brasileira.....	18
2.2- Estatísticas sobre a classe média e as desigualdades sociais.....	20
2.3–Entrevistas embasadas na ascensão social negra na Região dos Lagos- RJ.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

RESUMO

O presente trabalho monográfico visa focar algumas questões acerca da ascensão do negro na sociedade brasileira fomentada em uma pesquisa de campo no interior do Estado do Rio de Janeiro. Nesse contexto, buscou-se analisar os mecanismos preponderantes que impulsionaram a assunção desse grupo entrevistado como profissionais liberais pertencentes à classe média vigente na Região dos Lagos. Sendo assim, a maior parte das pesquisas que abordam sobre a ascensão social dos negros sucedeu a partir da escolarização e da qualificação profissional transpuseram a tomar melhores posições na pirâmide social. Dessa maneira, o caminhar deste ensaio propiciou além de observar os comportamentos, valores e estratégias de resistência que a classe média negra interiorana combate cotidianamente, na posição hierárquica social que pertence mas também, a busca pelo próprio reconhecimento “do ser negro”. Por fim, as dificuldades ocorrentes durante o trajeto para a elevada posição social foram evidenciadas e a distinção dos brancos situados na mesma posição foi contestada como características da sociedade discriminatória e racista brasileira que estamos inseridos.

PALAVRAS-CHAVE: Raça, negro, ascensão social, discriminação, valorização

INTRODUÇÃO

A pesquisa propõe um novo olhar à concepção do ser negro na sociedade brasileira marcada por preconceito e discriminação. Que por sua vez, a população se alimenta de uma falsa democracia racial. Aonde a maioria dos negros possui menores condições de vida e menos apropriações dos direitos civis. Neste sentido, irei iniciar a pesquisa, com a situação deste indivíduo no pós abolição que a partir do século XIX, o negro emerge, enquanto influente social ativo, em distintas perspectivas, combatendo e vivenciando contraditoriamente o racismo num país originalmente escravocrata.

Sendo assim, mesmo com esses enfrentamentos sociais ocorridos durante séculos, os descendentes da “escravidão” , ficaram a margem da sociedade e perpetuaram a maioria, até nos dias atuais. A partir daí, vislumbrarei pesquisas, entrevistas, referências bibliográficas que constatarão não somente a lacuna que há sobre o negro e o branco, o rico e o pobre mas também, a relação deste, na pirâmide social referente a submissão e o descaso governamental. Dessa forma, busco compreender o motivo pelo qual, esta condição perdura. Em contrapartida, eis que surgem negros que ascendem de forma considerável nesta sociedade racista e maléfica. Quais serão os mecanismos utilizados para esta ascensão? Motivos não faltam para ter escolhido este tema.

De fato sou negra, mas compreender e reconhecer esta mobilidade social de alguns negros é louvável, pois, é possível a assunção social ainda que a minoria dos negros ascendesse de maneira econômica, política, acadêmica entre outros benefícios. E que isto é pertinente apesar do sistema ser contra estes movimentos de ascendência.

Dando mais credibilidade a pesquisa, busquemos compreender as diversas faces do racismo. Será ainda perceptível o preconceito e a discriminação racial nessas esferas que estes negros se encontram atualmente ? Cabem quais posicionamentos diante das situações adversas sobre esse contexto? De submissão ou de ativismo? Por fim, proponho apresentar tais reconhecimentos culturais frente às questões étnico/racial através de uma pesquisa de campo com negros a partir de profissionais liberais, residentes do interior do Rio de Janeiro que pertencem a classe média em ebulição de uma população brasileira sofrida e desigual.

“A ascensão social dos negros no Brasil, embora de maneira tímida, é fato. De cada seis negros que se movem na pirâmide

social do país, cinco melhoram sua condição de vida. A população negra corresponde a um terço da classe média do país”. (PEREIRA, 2005: 66).

CAPÍTULO I- A TRAJETÓRIA SOCIOLÓGICA SOBRE RAÇAS E CLASSES SOCIAIS NO BRASIL

Não seria possível resumir, aqui, toda a tradição de estudos sociológicos sobre raças e classes no Brasil. Entretanto, o objetivo do trabalho está voltado para a análise das categorias de raça e classe social a partir dos debates sobre a ascensão do negro na sociedade brasileira. Porém, abordar sobre a assunção e não percorrer a trajetória da construção científica e metodológica do conceito sobre “raças” seria uma falácia e uma incompletude pois, através desses estudos outrora compreendêramos a realidade atual da maioria dos negros brasileiros e sua posição na pirâmide da hierarquia social. Sendo assim, as análises a partir do tema racial por autores, pesquisadores entre outros, remontam ao período colonial.

Nesse sentido, habitantes estrangeiros como o inglês Henry Koster, no início do século XIX, apresentou as diferenças sociais entre ser “branco” ou “de cor” no Brasil em seu livro: “ Viagens ao Nordeste do Brasil” (1816). Este, citou sobre a questão racial e a forma que era vista o negro a partir da posição hierárquica que o indivíduo se encontrava. No exemplo abaixo, a situação ocorreu entre as tropas coloniais:

"Conversando numa ocasião com um homem de côr que estava ao meu serviço, perguntei-lhe se certo Capitão-Mor era mulato. Respondeu-me: Era, porém já não é! E como lhe pedisse eu uma explicação, concluiu: - Pois Senhor, um Capitão-Mor póde ser Mulato?" (KOSTER, Henry. Viagens ao Nordeste do Brasil -1816)

Nesse contexto, “brindamos” a questão racial. Porém, que conceito é este criado por alguns teóricos como Darwin (1809-1882), influenciou o mundo com a sua teoria sobre: “A evolução das espécies”, fomentou a sociedade de uma forma geral até nos dias atuais. Dessa maneira, raça como uma concepção biológica, é sinônimo de variados sentidos e discrepâncias. Convém distinguir diversos tipos de uma mesma espécie.

Utilizado para grupos criados pelo homem como gato, leão, entre outros. Dessa maneira, o termo raça pode ser aplicado de uma forma errônea quando se descreve pessoas com ênfase a segregação humana. É uma concepção que não convém elucidar a dinâmica dos grupos humanos. Do mesmo modo, o autor Kabengele Munanga antropólogo, tempo contemporâneo, em 2003, afirmou que o conceito de raça derivaria da palavra italiana *razza*, que teria origem na palavra latina *ratio*, cujo significado seria sorte, categoria, espécie. Bem como, outros sentidos favoráveis, para a construção da palavra “raça” encontra-se associada às ciências naturais.

Por outro lado, está atrelado a este o conceito a luta de classes que através do Marxismo não consegue mais definir a pirâmide social atual ainda que vivamos em um sistema capitalista, pois não será uma análise totalmente correta, porque não caberá somente uma competição entre especificamente ricos e pobres mas também, questões étnicas/raciais e a valorização desses costumes que tempos atrás não se tinha tamanha pertinência.

Através desse resgate bibliográfico sobre os conceitos de “raças e classes sociais”, observemos que a questão mais importante do ponto de vista científico talvez não tenha sido apenas analisar e estabelecer tipologias, mas essencialmente encontrar a explicação da diversidade humana. Entretanto, em uma perspectiva acadêmica, tivemos um dos antecessores dos estudos sobre o negro no Brasil, como o médico maranhense Nina Rodrigues (1862-1906). Voltado pelo racismo “empírico” do século XIX, avaliava os negros como uma “raça inferior” e que os mestiços eram insensíveis e apáticos. Seus estudos foram baseados, principalmente para o exame dos cultos de matrizes africanas na Bahia. Entre seus seguidores enfatiza-se o médico alagoano Arthur Ramos (1903-1949). Tendo em vista, não defendia a inferioridade do negro e da sua inaptidão de civilização. Em contrapartida, valorizava de maneira positiva as populações e culturas de origem africana suas teses foram de contraponto às pesquisas que desvalorizavam o negro e sua essência mental.

Nesse sentido, o pensamento racista se estabelece a partir de características distintas no Brasil. A despeito da influência de Gobineau, filósofo, escritor e diplomata, que também estava inserido nos debates intelectuais do século XIX pautados nas raças humanas, defendeu uma divisão racial. Para tanto, ele elaborou uma teoria classificatória do homem, onde a raça ariana ocupava o topo da hierarquia social. Os

miscigenados, por não serem puros de sangue não apresentariam classificação na sua teoria pois, estes consistiam inclassificáveis pela ambivalência. Para Gobineau,

(...) A esses não havia possibilidade de ocupação na escala racial, pois não havia como criar critérios para se classificar, nomear e ordenar com cientificidade, afinado com o pensamento moderno (SOUSA, 2006, 6).

Partindo desse pressuposto, outros pensadores trouxeram destaques na sociedade brasileira sobre a questão da miscigenação. O médico e cientista João Batista de Lacerda esboçou, em 1911, no I Congresso Internacional das Raças, que aconteceu em Londres, o seguinte argumento: para ele a miscigenação corrente na sociedade brasileira, à época, acarretaria no branqueamento da população. Tendo em vista, em poucas décadas a população brasileira poderia ser formada por indivíduos com características fenóticas brancas.

No que podemos observar, surgem vários estudiosos que buscam explicações sobre a miscigenação, a importância e a desvalorização dela. Pesquisadores em análises empíricas mergulham em estudos sobre as questões raciais desde o século XIX, pois tornam-se mais evidentes nesse período. Isso se deu por meio de uma adequação dessa preleção, no momento pelo qual se investiu na mestiçagem como mecanismo para o branqueamento do povo brasileiro. Ou seja, A autora Lilia Moritz diz que a mestiçagem passava a ser panorama de probabilidade para almejar um branqueamento não só físico, mas também, moral e social (Schwarcz, 2001). Essa concepção, que se estabeleceu até mesmo em política pública, período em que resignou espaço a um novo olhar sob a questão da miscigenação, que compreendia como movimento de forma menos biológica e mais cultural. Elucidou no século XX, mais precisamente na década de 30, no Brasil, uma ebulição cultural. Pois, foi o período que o país encorpou as obras de Caio Prado Jr., Nelson W. Sodré, Fernando de Azevedo, Roberto Simonsen, entre outros que buscaram explicações e elevações sobre o tema racial, sobretudo a mestiçagem. Sendo assim, destaca-se nesse cenário, a obra de Gilberto Freyre. O livro *Casa Grande e Senzala* (1933), viabilizou essencialmente o subsídio dos diversos grupos raciais para esclarecer a formação da sociedade brasileira através das raças. No livro, Freyre destacou a contribuição dos grupos dominados, principalmente dos africanos, para a

construção da cultura nacional. Afirmou, por exemplo, que foi benfeitora a mestiçagem na qual, suas teorias foram ponderadas, em seguida, como alicerces da ideologia da “democracia racial”, ou seja, a concepção de que no Brasil não existia o racismo está ainda baseada nesta ideologia. Assim como do discernimento comum de que as problemáticas brasileiras eram, sobretudo, de classe e não de cor. Gilberto Freyre ofereceu uma concepção da questão racial completamente análoga aos membros da elite brasileira da época, como as de Oliveira Vianna. Desse modo, para Freyre com a utilização dessa concepção “maliciosa”, e a suposta benfeitoria com a questão “racial” que buscava “solução” para os efeitos da mestiçagem. Freyre ofereceu uma interpretação inesperada para a sociedade, convertendo a mestiçagem em uma marca constitutiva da nação com aspectos de “bons frutos”. Isto é, em vez de ser percebido como característica negativa do país, era apresentado ao mundo precisamente como um elemento singular brasileiro. Para ordenar sua alegação, o autor agrupou vários documentos sobre o Brasil colonial e imperial que toaram como arcabouço para o surgimento de uma circunscrição da sociedade. Esse conceito, entretanto, não libertava o país de ser cenário de intensas contradições, tanto no nível cultural quanto no nível econômico. Porém, se fez essa declaração, pois Freyre, não velou a violência da colonização e da escravidão, mas evidenciou o efeito positivo de tais mazelas. A imprecisão deste posicionamento se replica às teorias racistas que atribuíam aos negros, índios e mestiços o motivo pelo qual, se destituiu o retrocesso do país. Tais veemências, como o sentido da miscigenação sendo relevante, atribuem ao livro, o lugar de exímio entre os textos sobre a construção da sociedade brasileira. Com este viés, muitos autores cominam a Freyre o embasamento principal do mito da democracia racial.

Contudo, o mito e as variáveis trazem consigo a exaltação e a singularidade da sociedade brasileira e toaram também para negar a existência do racismo.

(...) o racismo é uma desumanização e uma negação da humanidade do outro, uma destruição muito profunda, que a mobilidade social não resolve (MUNANGA, 1996, p.223).

Enquanto, Oliveira Vianna, escreveu um dos primeiros livros voltado sobre a questão racial, foi “Raça e Assimilação” (1932) em que, o autor “desmembrou” a população brasileira em quatro grupos étnicos: o primeiro foi o grupo branco, formado por brancos puros e os fenótipos do branco (mestiços); o segundo grupo caboclo, (mamelucos e cafusos); o terceiro grupo negro, composto pelos negros puros e fenótipos do negro

(mulatos e cafusos); e o quarto grupo, pardos e mulatos, que formavam um grupo a parte. Enfatizou que existia um grande preconceito contra a mestiçagem. Aparecem também nesse contexto, um estudioso Donald Pierson, doutorando da Universidade de Chicago, sob a orientação de Robert Park, desbravador também aos estudos sobre as questões raciais no Brasil, pois durante a pesquisa ocorrida em Salvador da Bahia, nos anos 1935 e 1937, o autor informou que a cidade em 1890 já havia uma maioria de população de cor. Pierson, assegurou que a sociedade baiana era multirracial, e a desigualdade se baseava, sobretudo, na classe e não a raça representaria o principal critério de *status quo*.

Após o óbito de Arthur Ramos (1949), foi editado na França seu livro sobre a mestiçagem no Brasil (1952). No qual, além de viabilizar uma comparação sobre a literatura estrangeira e brasileira sobre o assunto, e advertiu que a base geral da população brasileira é constituída pela mistura inicial, tanto física como cultural, do português com o índio e o negro. O autor, como dito anteriormente, considerou que a miscigenação não apresentou qualquer negatividade quanto aos resultados desta “mistura”, ratificando seus desacordos com Nina Rodrigues nesse aspecto.

À partir nos anos 50, os dirigentes da UNESCO (Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas), dentre um dos integrantes Arthur Ramos, encarregaram de uma variedade de pesquisas, baseadas nas relações raciais no Brasil. Nesse contexto, os estudos foram atingidos com a inserção de análises empíricas nos territórios das cidades de Recife, Salvador e Rio de Janeiro. Esses exames tinham como propósito, reconhecer a miscigenação da população brasileira e pela primeira vez foi colocada em questão a existência da “democracia racial” no Brasil. Tendo em vista, "definir aspectos socioeconômicos, políticos, culturais e psicológicos favoráveis ou desfavoráveis à experiência de relações entre raças e grupos étnicos". Dentre os distintos locais de estudos mencionados acima, a Bahia, era o Estado, que existia uma longa tradição de pesquisas sobre o negro, e a cidade de Salvador, que abordava intensa influência da cultura africana.

Nesse contexto, desde os anos 1930 já possuíam pesquisas de vários norte-americanos na Bahia como de Ruth Landes, Franklin Frazier envolvidos no projeto Unesco Florestan Fernandes, Roger Bastide, Luiz de Aguiar Costa Pinto, Oracy Nogueira, Thales de Azevedo, Charles Wagley, René Ribeiro, Marvin Harris, entre outros. Na

década de 50, uma das mais pertinentes inovações de mobilização da época foi a revista *Quilombo*, sob a direção do intelectual negro Abdias Nascimento ator, diretor e dramaturgo. Foi responsável pela criação do Teatro Experimental do Negro, que atuou no Rio de Janeiro entre 1944 e 1968. Esteve, frente de entidades e lideranças que ocorreram no contexto histórico a modernidade e movimentos como, por exemplo, a Frente Negra Brasileira (1931-1937) que impulsionaram várias transformações no olhar sobre o universo racial. Nessa nova busca pela compreensão das questões étnicas/raciais, ainda pela UNESCO, foi editado o livro de Thales de Azevedo, constituído sobre as elites de cor em Salvador, no qual a atual pesquisa monográfica está embasada. Thales, era médico e antropólogo baiano. Seu livro: “As elites de cor: um estudo de ascensão social” foi publicado, em francês, pela UNESCO em 1953, este apresentava compreender a ascensão social dos negros na cidade de Salvador, os canais e mecanismos que possibilitaram tal manifestação e mobilidade vertical na esfera social. Embora reconheceu o preconceito de cor em Salvador, Azevedo descreve um povo mais flexível à ascendência social do negro. Como campos de assunção social empregados pela população negra são trazidos a burocracia em destaque: as artes, o comércio e os esportes, dentre outras atividades.

Nesse mesmo contexto em 1953, foi divulgado o estudo do sociólogo baiano Luiz de Aguiar Costa Pinto, mas, sobre a questão racial da cidade do Rio de Janeiro. Para o autor, o baixo nível de instrução era preponderante pela posição social inferior dos negros.

Na década seguinte, Florestan Fernandes sociólogo em 1966, assegurou que as distinções raciais incluíam como apoio a conservação das relações sociais engendradas no tempo da escravidão. Nesse sentido, após a abolição os brancos continuaram a ocupar a posição de senhores e os negros exerceram ainda pertinências dos escravos. Para Florestan (1966), “ (...) a eficácia das técnicas de dominação racial (...) mantinha o equilíbrio das relações raciais e asseguraram a continuidade da ordem escravigista” (p.27). Nesse contexto, os autores como Florestan (1966) , Octavio Ianni (1962) e Fernando Henrique Cardoso (1969) foram alguns escritores da época, que buscaram compreender a discussão sobre a conformação patológica dos negros na sociedade brasileira ainda que já havia abolido a escravidão no Brasil.

“ Na medida em que a ordem social competitiva e a urbanização estavam em plena emergência (...) os negros e os mulatos ficaram à margem ou se viram excluídos da prosperidade geral (...) porque não tinham condições para entrar nesse jogo e sustentar suas regras. (...) Viveram dentro da cidade, mas não progrediam com ela e através dela. Constituíram uma congêrie social (...) e só partilhavam em comum uma existência árdua, obscura e muitas vezes deletéria. (FERNANDES, 1978: 99) ”.

Avanços ocorreram de forma preponderante nesse cenário social, provavelmente na década de 70, a partir das ações dos movimentos sociais em 1978, surgiu o Movimento Negro Unificado, que passou a coordenar em todo o país outras entidades que surgiam. Sendo assim, o mais pertinente aqui é destacar o papel do negro em nossa história, os distintos movimentos de resistência cometidos; a ação das confrarias religiosas; os quilombos; o movimento abolicionista; as insurreições que contaram com expressiva participação dos negros em diversas lutas pós-abolição, a urbanização; a estratificação, a modernidade capitalista em si, impulsionaram o negro a ascender, mesmo que de forma, “tímida” correntes transformadoras estão emergindo na sociedade brasileira. Entretanto, para Costa Pinto (1953) ,a solução dos movimentos sociais negros seria ineficaz não só pela “ falsa visão” da ideologia negritude, para alguns, “um racismo as avessas ” mas também pelo descompasso, apontado por Costa Pinto, entre diversos inferências sociais e visões de mundo das respectivas “elite negra” e massa negra”(...)

Enfim, vários autores ao longo dos séculos, abordaram os conceitos sobre “ raças e classes sociais” e alguns constataram que concepções racistas foram utilizadas para legitimar o sistema mercadológico escravocrata da época colonial. E este sistema ainda perdura, com uma outra roupagem, a do capitalismo, com intuito de viabilizar as desigualdades sociais, o descaso governamental e ocultar a contribuição principalmente do negro, na construção nacional. Com isso, seguidores da vertente marxista social-democrata acertaram o antagonismo promulgado por Gilberto Freyre, Luiz Viana Filho e Thales de Azevedo. No qual, o negro ao ascender socialmente, ao entrar na instigada competição capitalista com os brancos, virão o preconceito de “frente”, antes oculto pelo mito da democracia racial .

Nessa linha bibliográfica atual sobre a ascensão do negro na sociedade brasileira, a autora Ângela Figueiredo, antropóloga e mestre em ciências sociais, retratou brilhantemente sobre os profissionais negros de Salvador, com o livro: “ Novas elites de cor” (2002). Figueiredo, neste ensaio abordou o embranquecimento dos negros em ascensão social e buscou examinar o fenômeno das novas identidades sociais, atitudes e grupos em ascensão como o negro e relações étnicas em particular. Qual será o valor “empregado” pelos negros emergentes socialmente para transcender ideologias aplicadas pela elite branca? Para o autor Rafael Guerreiro Osório, no artigo: “ A mobilidade social dos negros no Brasil” (2004) não obstante, os negros em ascensão são coagidos a negar suas origens, sobretudo os mais “claros”, devem “proceder-se como brancos”. Para inserirem no “mundo dos brancos”, negros e mestiços se submeteram a um “branqueamento” psicossocial e moral. (OSÓRIO, 2004). Por fim, para propor mais indagações sobre a tentativa do negro se dispor a tornar-se branco, apresentarei o trabalho de Florestan (1978) “A integração do negro na sociedade de classes”, este informa uma pequena mobilidade social das pessoas de cor no pós abolição limitada, quase excepcionalmente, aos negros e mulatos “resguardados” por dominantes famílias brancas da época .

Finalmente, o preconceito racial, infelizmente existe e através desta e outras revisões bibliográficas podemos constatar que as discriminações sejam raciais ou não são designadas e recontadas ao longo dos anos no teor que prepondera a partir das distintas desigualdades sociais. É perceptível no percorrer deste trabalho acadêmico que a questão étnica, a valorização do homem em sua essência; o respeito mútuo só se constituirá a partir da conquista real sobre uma ótica política democrática, socioeconômica de direitos e deveres civis, integrem todos e todas sem qualquer distinção nesta sociedade brasileira.

CAPÍTULO II – O CONTRAPONTO SOBRE UMA ASCENSÃO SOCIAL NEGRA E AS ESTATÍSTICAS SOCIAIS

Nesse capítulo terá ênfase no contexto da ascensão social, tendo em vista a contradição que há em relação às estatísticas sobre o posicionamento do negro socialmente no qual, foi analisado no capítulo anterior sobre o surgimento das classes e as desigualdades sociais, ainda sim, alguns negros resistem, a discriminação, o preconceito, o racismo e emergem nesta sociedade racista e derradeira.

Para tanto, segundo Angela (2003), o negro tendo que livrar-se da concepção tradicionalista que o define econômica, política e socialmente como inferior e submissa, e não o possuindo uma outra concepção positiva de si mesmo, o negro viu-se obrigado a tomar o branco como modelo de identidade, ao estruturar e elevar a cabo a estratégia de ascensão social.

Nesse sentido, Sabemos que ascensão social é um movimento pelo qual um agente ou grupo social, realizando uma possibilidade de ascender socialmente, muda de uma classe social ou de uma camada de classe, para outra socialmente considerada superior. Nesta perspectiva, emerge os entrevistados pesquisados nesse trabalho monográfico na qual a pesquisa de campo ocorreu no estado do Rio de Janeiro, um estudo pertinente foi de Costa Pinto (1953), observou através dos Censos de 1940 e 1950, e o Censo das favelas de 49, a questão étnica racial do então, Distrito Federal. Através dessas análises, Costa observou um processo de branqueamento da população nos últimos setenta anos e o fenômeno acompanhado pelo crescente movimento de migrações internas, especialmente de não-brancos, para os estados mais urbanizados inclusive o Rio de Janeiro.

A partir desta análise, podemos observar que a partir da urbanização, dos serviços domésticos, industriais e burocráticos se expandiram nesses espaços urbanos, tendo em vista, emersão e a divisão de classes. Nesse período, o país estava dividido em classe rural, observada como “atraso” e classe urbana, dita como “moderna”. Segundo autor Pinto, por meio dos deslocamentos demográficos, negros e mulatos seriam motivados, a residirem no meio urbano e buscarem melhores condições de vida. No entanto, Costa observa que apesar da urbanização e da industrialização, fossem meios para a ascensão social, a restrição que havia para que o negro ocupasse tais setores, eram restritas ocorrendo o fenômeno inverso, as desigualdades sociais no caso o Rio de Janeiro, se deparou com os surgimentos das favelas e cortiços provenientes da situação migratória desse período.

No quadro político-social do país, este “crescimento” surgia, como projeto cuja realização traria consigo a prova dessa inserção populacional. Significava em um empreendimento por si só, dignificava aqueles que o realizassem. E mais: retirando-o da marginalidade social os menos favorecidos, onde sempre estivera aprisionado. A ascensão social se fazia representar, ideologicamente para o negro, como instrumento de

redenção econômica, social, e política, capaz de torná-lo cidadão, digno de participar da comunidade nacional. (Educação, Cultura e Literatura Afro-brasileira : 33)

Nesse resgate bibliográfico sobre o surgimento das classes sociais urbanas no Estado que esta pesquisa monográfica esta inserida, dialogo com o livro Novas Elites de Cor, da autora Ângela Figueiredo (2002), que retrata também esse embranquecimento dos negros em ascensão social porém, na Bahia. Entretanto, o episódio de embranquecimento dos entrevistados deste estudo, foi contestado a partir do momento que estes relatam a necessidade de se auto afirmarem através do consumo exacerbado, por exemplo. Ângela retrata que a mobilidade na esfera social é apontada para mudanças de comportamentos e valores dos sujeitos ou grupos, ou seja, verificado no processo de ascensão é uma característica de todos os indivíduos ou grupos que ascendem as mudanças e atitudes de ações. (Figueiredo, 2002: 34) . Para a autora:

“ Quando um indivíduo passa de uma ocupação de status baixo para uma ocupação de status mais alto de classe média, por exemplo, AL movimento tende a ser acompanhado de vários ganhos em termos de oportunidades econômica, educacionais e sociais, assim como de mudança de valores, de atitudes e de horizonte cultural (PASTORE, 1979: 4, apud Figueiredo: 34)”

Já Bastide, outro autor de grande importância, vê na ascensão social uma concentração:

(...) um paradoxo aparente, mas que esconde uma lógica certa, é no regime concorrencial que o negro para adquirir os mesmos direitos que o branco, econômicos, políticos e sociais, abandona sua herança africana para ocidentalizar-se (1974: 20)

Partindo dos pressupostos das citações anteriores, nessa forma de querer ser “enxergado”, “tornando-se branco” na classe média que se estabelece, o negro, se torna “invisível” por falta de posicionamento, frente à discriminação; camuflado em uma cultura hegemônica que não o reconhece como par, independentemente do seu poder aquisitivo adquirido. Enquanto, Pereira (1967) demonstra que a convivência desses sujeitos com os brancos não extrapola o campo das relações profissionais; mesmo assim, a maioria dos entrevistados acredita que ingressar no espaço identificado com o “mundo dos brancos” é apenas uma questão de tempo e dinheiro. Em resumo, pode-se afirmar que a tendência em sido enfatizar a mudança de comportamento, de valores

culturais e sociais dos negros que ascendem, em comparação com os negros de classe baixa.

.2- Estatísticas sobre a classe média e as desigualdades sociais

Devido ao processo de desigualdade social o negro, em sua maioria, possui baixa escolaridade, dessa maneira, se depara com muitas barreiras para ascender socialmente, com conseqüência, a dificuldade de se inserir no mercado de trabalho, com precárias qualificações, resultando o aumento da desigualdade sócio-econômica. Entretanto, vários são os fatores desta baixa escolarização e falta de qualificação profissional, dentre elas é a continuação ideológica eurocêntrica de um dos critérios para inserção no mercado de trabalho, é o perfil estético pois, os não-brancos, nesta concepção racista, não são classificados pela ‘boa aparência’, ou seja, quem não se emoldura no perfil estético, cultural e econômico imposto pela elite “branca”, fica a beira da sociedade.

Dessa forma, A segregação a partir da cor da pele restringe, portanto, as aspirações de mobilidade social. Sendo assim, nas últimas décadas, ocorreram no Brasil transformações na estrutura ocupacional decorrentes da intensificação do processo de urbanização, da industrialização e da democratização do ensino público. Apesar dessas mudanças, a população preta e parda continua sofrendo desvantagens no mercado de trabalho, por conta do racismo existente na sociedade brasileira (HASENBALG E SILVA, 1988)

Nesse mesmo viés, a citação abaixo, complementa:

“É a autoridade da estética branca que define o belo e sua contraparte, o feio, nesta nossa sociedade classista, onde os lugares de poder e tomada de decisões são ocupados hegemonicamente por brancos. Ela é quem afirma: “o negro é o outro do belo”. E esta mesma autoridade quem conquista, de negros e brancos, consenso legitimador dos padrões ideológicos que discriminam uns em detrimento de outros. (Torna-se Negro, 1983:29)”

Apesar de existirem, vários fatores que colaboram para as desigualdades entre “ricos” e “pobres”; “negros” e “brancos”, os estudos sobre mobilidade, estratificação social, status e prestígio apontam para a importância da educação no processo de ascensão dos grupos e ou indivíduos principalmente para a população negra. (BARRETO CASTRO E SÁ, 1992).

Nesse contexto, observou-se no que se refere aos entrevistados este mecanismo preponderante para a elevação social. Porém, no Brasil este crescimento da classe média negra, frente o abismo socioeconômico ainda é alarmante. Nesse sentido, As estatísticas abaixo na tabela apresentam a existência de grandes diferenças raciais no que diz respeito à escolarização da população brasileira, principalmente em relação às faixas educacionais mais elevadas configurando-se numa barreira de cor onde pretos e pardos vêm suas possibilidades de ascensão bastantes limitadas quando comparadas às do grupo branco.

Tabela 2.1
Média do número de anos de estudo na população de 10 anos ou mais, por sexo e cor - Brasil e regiões, 1987, 1996 e 1999

Área geográfica	Total			Homens			Mulheres			Branco			Pretos e Pardos		
	1987	1996	1999	1987	1996	1999	1987	1996	1999	1987	1996	1999	1987	1996	1999
Brasil	3,3	5,3	5,7	3,2	5,2	5,6	3,4	5,4	5,9	4,5	6,2	6,6	3,4	4,2	4,6
Norte ⁽¹⁾	4,6	5,2	5,7	4,6	4,9	5,5	4,6	5,4	5,9	5,0	6,3	6,7	4,6	4,7	5,4
Nordeste	2,6	3,9	4,3	2,4	3,6	4,0	2,8	4,2	4,7	3,1	4,8	5,3	2,6	3,5	3,9
Sudeste	4,0	6,0	6,5	4,0	6,0	6,4	3,9	6,0	6,5	5,2	6,6	7,1	4,1	4,9	5,2
Sul	3,2	5,8	6,2	3,3	5,8	6,2	3,2	5,8	6,3	4,9	6,0	6,5	3,1	4,3	4,7
Centro-Oeste	3,9	5,5	5,9	3,8	5,2	5,7	4,0	5,5	6,2	4,7	6,3	6,8	3,9	4,7	5,3

(1) Exclui a população rural da região.
Fonte: PNAD/IBGE, 1997, in: IV Conferência Mundial sobre a Mulher - Pequim, China - 1995. Nações Unidas, CNDM e Flocruz - Editora Flocruz, 1996. PNAD/IBGE, 1997 e PNAD/IBGE, 2000.
Indicadores de CT&I em São Paulo - 2001, FAPESP

Como podemos observar a diferença média do número de anos de estudo principalmente no ano de 1999 no Sudeste. Com 7,1 para brancos x 5,2 para pretos e pardo, na tabela acima, torna-se empírica tais desigualdades pois, o trabalho precoce é determinante na transmissão da pobreza quando os pais são pobres, isto é, o jovem precisa ajudar no orçamento familiar, deixando, em sua maioria a escolarização. (Barros e Santos,1991).

Para melhor compreendermos a inserção na tabela composta pelas profissões que desenvolvem o ápice da hierarquia profissional como (profissionais liberais, dirigentes e administradores de alto nível, outras profissões, funções administrativas, proprietários e empregadores e empresários por conta própria) indica a concentração de profissionais brancos nessas ocupações.

	1993			2003			2012		
	H	M	T	H	M	T	H	M	T
Profissionais liberais	0,5	0,6	0,6	1,1	1,4	1,2	1,4	1,6	1,5
Dirigentes	1,2	1,2	1,2	1,7	2,1	1,9	2,0	2,4	2,2
Proprietários empregados	1,2	0,5	0,9	1,1	0,8	1,0	1,0	0,8	0,9
Profissionais de nível superior	0,7	2,3	1,3	1,4	4,3	2,6	2,8	8,2	5,1
Técnicos e artistas	4,4	0,5	6,4	10,1	10,1	10,1	10,4	8,8	9,7
Pequenos proprietários	2,6	1,9	2,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Ocupações não manuais de rotina	13,1	24,8	16,7	14,8	29,4	20,7	18,8	30,7	27,5
Ocupações na indústria moderna	0,0	0,8	5,8	6,4	1,0	5,4	10,7	1,3	6,8
Ocupações na indústria tradicional	17,4	8,8	14,1	15,5	6,7	11,9	18,4	5,1	12,8
Comércio ambulante	2,1	2,3	2,2	3,0	4,2	3,5	3,8	2,8	2,2
Ocupações nos serviços gerais	12,4	2,9	8,7	15,8	4,2	11,0	14,2	4,1	10,0
Ocupações nos serviços pessoais	2,2	4,0	3,2	2,7	5,8	4,0	3,2	9,2	5,7
Ocupações no serviço doméstico	0,6	20,4	8,3	0,6	16,1	7,7	0,4	8,6	4,3
Proprietários rurais	0,4	0,0	0,2	0,2	0,0	0,1	0,1	0,0	0,1
Ocupações rurais	20,9	17,4	23,2	21,9	11,1	17,5	12,9	5,4	9,8
Outras	3,1	2,1	2,7	1,8	0,8	1,5	1,8	1,1	1,5
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100

A tabela abaixo, indicará o abismo dos salários médio do trabalhador brasileiro pois, a enorme distancia salarial separa também negros e brancos, homens e mulheres. Se tomarmos o salário médio por sexo e por cor, observaremos que os homens brancos serão o grupo com mais elevados rendimentos entre todas as categorias. Homens negros recebem menos que a metade do salário dos brancos de sexo masculino; mulheres brancas têm um salário 17% inferior ao dos homens brancos e as mulheres negras recebem quase 60% menos que eles. Sendo assim, a mulher negra ainda mais desvalorizada no mercado de trabalho como retrata os índices a seguir:

TABELA 1 – SALÁRIO MÉDIO, ANOS DE ESTUDO E GRAU DE FORMALIDADE POR GRUPOS DE SEXO E COR (BRASIL, 1999)

Variáveis	Homem branco	Homens negro		Mulheres brancas		Mulheres negras	
		Média	Diferencial	Média	Diferencial	Média	Diferencial
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(c/a)	(d)	(d/a)
Salário (R\$)	818	393	48%	678	83%	335	41%
Anos de estudo	7,2	4,8	67%	8,6	120%	6,3	87%
Sem carteira	14,5%	18,5%	4,0%	12,9%	-1,6%	13,6%	-0,9%
Conta própria	21,2%	20,2%	-1,0%	17,5%	-3,7%	17,9%	-3,3%

FONTE: Tabulação própria a partir dos microdados da PNAD de 1999, IBGE

NOTA: Dados estimados a partir do salário horário padronizado para um turno de 160 horas por mês.

Tais indicativos nos apresentam, um pouco da sociedade brasileira que permeia pela segregação através do preconceito e pelo racismo, entretanto, para que obtenha

mudanças efetiva nessa situação, serão necessários décadas para e equiparem salarialmente e direitos constitucionais sejam de todos e todas.

2.2– A ideologia racial brasileira sob a ótica da construção da identidade negra.

A ênfase nesse capítulo é buscar a compreensão sobre os manifestos relacionados à identidade negra nos alcances dos entrevistados. O ponto inicial não é a credibilidade anterior da essência de uma identificação ou a sua negação, mas conjecturar sobre os costumes e os valores que permeiam a vida de um parcela de negros que ascendeu socialmente. Sendo assim, ambiciono intuir a relação entre assunção social e mudanças de valores e comportamentos nos grupos que têm como experiência a mobilidade social. Partindo desses pressupostos, foram analisados dos entrevistados a maneira que cada um expôs à sua própria construção sócio-cultural desde a infância até nos dias de hoje. Sua realidade econômica, política, religiosa, entre outros aspectos que constroem a identidade de um indivíduo. No caso aqui, negros que ascenderam socialmente.

Segundo, a identidade não é um tanto capaz que se possa ser transmitida de maneira pacífica, porém, é uma produção no inventar social de diversos grupos de uma dada sociedade, adotando padrões e conexões de cada povo e, no seio de uma nação, cada parte da vida social constitui normas de aceitabilidade e coexistência entre os distintos. (Educação, cultura e literatura afro-brasileira, 2007)

A identidade por assim dizer, é uma construção social, ideológica e política que por meio da sociabilidade constitui a psique do indivíduo. Para a autora Kathryn, ela constrói sua tese sobre identidade no qual,

“ Como se poderia utilizar a ideia de representação para analisar a forma como as identidades são construídas nesse caso? (...) Assim, a construção da identidade é tanto simbólica quanto social. A luta para afirmar as diferentes identidades tem causas e conseqüências materiais: neste exemplo isso é visível no conflito entre os grupos em guerra e na turbulência e na desgraça social e econômica que a guerra traz.” (IDENTIDADE E DIFERENÇA: UMA INTRODUÇÃO TEÓRICA E CONCEITUAL. Kathryn Woodward)

Tendo como pano de fundo, o percurso histórico sobre a formação identitária, o autor Erikson (1987) dizia que a identidade social possui características ainda mais complexas, às vezes, subjetivas, individuais e sociais. (ERIKSON, 1987, p.11 apud SILVA, 2004, p. 27). Sendo assim, O método de construção da identidade negra se estréia com a vinda dos escravos da África, de maneira ordeira e cruel para a América para serem escravizados.

Tendo como pano de fundo, o percurso histórico sobre a formação identitária, o autor Erikson (1987) dizia que a identidade social possui características ainda mais complexas, às vezes, subjetivas, individuais e sociais. (ERIKSON, 1987, p.11 apud SILVA, 2004, p. 27).

Sendo assim, O método de construção da identidade negra se estréia com a vinda dos escravos da África, de maneira ordeira e cruel para a América para serem escravizados os não branco, carregam consigo este estigma até nos dias atuais. Dessa forma, por meio das assimilações, as crianças, como instrumento desse âmbito social, absorvem uma auto-imagem que adaptarão a sua identidade, pois é na infância que serão construídos os valores, costumes e atitudes da sociedade na qual, estão inseridas. Dessa auto-imagem, terão o domínio de construir uma representação positiva de si ou uma identidade negativa, brotando, em consequência, uma auto-estima fragmentada. Sendo assim, o racismo é formado nessa mesma perspectiva de que todos os sujeitos possuem uma história particular, específica, e por consequência produzem sua identidade de uma relação dialética com a sociedade. Esta sociedade, mergulhada numa perspectiva eurocêntrica cultural que perpassa gerações. Tais valores foram sedimentos a cultura racista e reservando para a população afro-brasileira muita revolta e o nascimento para alguns, de resignação e luta. (O negro na educação e no livro didático: como trabalhar alternativas: 23).

Por meio dessa ideologia racista, a identidade negra é abalada por sinal de inferioridade e desqualificados na esfera social. Para Figueiredo (2002), a identidade não pode ser atribuída e adquirida de modo que a hereditariedade de cada um dos indivíduos possua a fenotipicidade como marca genética no sentido de diferenciação e segregação humana no âmbito sociopolítico e espacial em que somos inseridos quando nascemos. A qualificação ou desqualificação desse sinal não é assunto de aspiração dos diversos

grupos da sociedade que, no ambiente das relações sociais continuamente buscam a subversão que impunham sobre o fazer social de cada um de nós.

Para a autora Neusa Santos Souza, em seu livro, “Tornar-se Negro” (1983) esta apresenta reflexões profundas e inquietantes sobre o custo emocional do sujeito que ascende, pois procede a negação da própria cultura e do próprio corpo. Uma ação conflitante pois, o negro que se empenha na conquista da ascensão social para o preço do massacre de sua identidade. Enxerga o branco como modelo de identificação como única possibilidade de tornar-se gente. Em uma citação sobre a identidade negra esboça:

“Pensar sobre a identidade negra redonda em sofrimento para o sujeito. Em função disto, o pensamento cria espaço de censura a sua liberdade de expressão e, simultaneamente, suprime retalhos de sua própria matéria. A “ferida” do corpo transforma-se em “feriada” do pensamento. Um pensamento forçado a não poder representar a identidade real do sujeito é um pensamento mutilado em sua essência. Os enunciados do pensamento sobre identidade do EU são enunciados construtivos do pensamento ele mesmo” (Neusa, 1983)

Por fim, o negro que se empenha na conquista da ascensão social paga o preço do massacre mais ou menos dramático de sua identidade. Afastado dos seus valores originais, representados fundamentalmente por sua herança religiosa, o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de “tornar-se gente”.

III- Entrevistas embasadas na ascensão social negra na Região dos Lagos- RJ

Quem são os entrevistados

Os indivíduos que foram entrevistados preencheram os discernimentos de renda acima de dez salários mínimos. Declararam-se negros e concluíram o terceiro grau. Além de serem profissionais liberais atuam no ramo do empreendedorismo, residentes do Estado do Rio de Janeiro e moradores da Região dos Lagos.

As entrevistas foram feitas de maneira aberta, com dois homens e duas mulheres na faixa etária entre 30 a 48 anos de idade.

O objetivo central deste recorte foi constatar a presença de uma classe média negra, ainda que minoria, no Estado do Rio de Janeiro. Tendo em vista, suas especificidades e contrapontos no que tange as questões raciais na classe média em que se encontram. Ou seja, como é ser negro nessa atual conjuntura. Na pesquisa, foram analisados a trajetória do negro (a) profissional liberal e empreendedor a partir de relatos sobre a sua ascensão social sobre os mecanismos que impulsionaram tal efeito tendo em vista, a construção sócio-histórica apresentada anteriormente. Desse modo, foi pertinente abranger o reconhecimento ou a percepção que o próprio sujeito tem acerca de ser alvo do preconceito racial pois, a reação deste diante da discriminação talvez, não se manifeste, necessariamente, na tomada de uma atitude que consideramos eficaz ou politicamente relevante no combate ao racismo. Entretanto, compreender tais atitudes deste posicionamento omissivo ou reacionário foram enriquecedor e essenciais para esse trabalho monográfico. Dessa maneira, vamos à primeira ser entrevistada:

A empresária, Adalgisa Cruz Neta; têm 48 anos de idade; negra; nascida em São Cristóvão-RJ e moradora da cidade de Barra de São João-RJ há 30 anos. Formada em Publicidade pela Faculdade Hélio Alonso. Casada, possui três filhos. Como empresária trabalha, com o marketing, a administração e o empreendedorismo de seu próprio restaurante: “Estação Carioca”- Cabo Frio-RJ.

Entrevistadora: Como foi marcada a sua infância, sofreu alguma dificuldade financeira ? E como foi o seu processo de escolarização?

(...) Meu pai era auditor fiscal e minha mãe costureira. Eles sempre priorizaram a educação. Meu pai tinha uma situação financeira boa. Eu e meus irmãos estudávamos desde o jardim de infância até o segundo grau, numa escola particular com formação alemã. O nome da escola é Colégio Brasileiro em São Cristóvão –RJ está em funcionamento até hoje (...) No primário, praticamente os únicos negros da escola, éramos nós. No primário colegial, eu tinha uma amiga negra, depois não presenciei mais (...) Minhas colegas na escola eram todas brancas, de poder aquisitivo elevado, e mesmo assim, não sofri preconceito na escola.(...)

Importante salientar que o seu irmão estava presente durante a entrevista, quando falamos de discriminação, o seu irmão relatou ter sofrido racismo vindo de um professor na escola e seu pai teve que ir a instituição para intervir. Situação comum no

espaço que deveria educar e cuidar. Adalgisa ficou surpresa com o desabafo de seu irmão, entretanto, reafirmou que nunca tivesse sofrido por discriminação racial.

Entrevistadora: Partindo desse pressuposto, como foi a sua infância em relação ao racismo ? Sofreu discriminação racial?

Desde pequena sempre me posicionei e nunca abaixei a cabeça para ninguém. Eu não sofri até hoje, discriminação racial. Talvez seja porque, nunca me senti inferior. Minhas amigas na escola eram todas brancas. Sou igual a todo mundo (...) Em relação aos bens materiais, tive de tudo que quis. Roupas, sapatos, brinquedos, vivíamos bem financeiramente (Adalgisa).

Nessa fala, podemos perceber que Adalgisa possui, uma forma de se proteger contra o racismo, que por motivos pessoais, não expôs nenhuma situação vexatória ocorrida.

Entrevistadora: A sua construção identitária foi baseada por valores, costumes pautados, na cultura afrodescendente? Faz parte de algum movimento social ou instituição filantrópica?

Acredito na mistura das coisas pois, não me limito somente em costumes afrodescendentes. Penso em tudo aquilo que é bom. Frequento teatros, cinemas, etc. Curto a cultura erudita como a popular (...) E não faço parte de nenhum movimento social porque não gosto de ser controlada por nada ou por ninguém.(Adalgisa).

Entrevistadora: Qual é a sua religião ?

Fui criada no catolicismo e no espiritismo (...) A minha família é muito religiosa. Vivemos no sincretismo religioso no qual, estamos em harmonia com Deus e com a vida. Continuei com o mesmo propósito com os meus filhos (...) Gostamos de ir a igreja aos domingos (...) Isso nos fortalece.(Adalgisa)

O que podemos perceber que a religião de matriz africana, foi velada pela cultura eurocêntrica por meio da religião católica pois, é mais aceita socialmente. Em sua fala enfatizou a religião católica como a correta de ser seguida, apesar de frequentar o Candomblé.

Entrevistadora: Hoje você possui o Restaurante Estação Carioca. Como foi a sua trajetória empreendedora? Quantos anos você possui?

Eu e meu esposo possuímos aqui em Cabo Frio, uma fábrica de gelos. Antes de nós casarmos, ele já o possuía. Com anos de dedicação, meu esposo resolveu ampliar os negócios. Hoje, sou a responsável do restaurante. Eu que o gerencio, utilizo a minha habilidade com a minha formação de publicidade, entre outras funções (...) Já o possuo faz uns seis anos, como sócia majoritária. Aqui têm uns cinco funcionários que trabalham nesse estabelecimento. (...) O restaurante fica aberto de onze horas da manhã às onze da noite. Servimos petiscos, almoços, caldos, pizzas, entre outras especialidades que nos dão credibilidade ao nosso serviço. (Adalgisa)

Entrevistadora- Nos dias de hoje, já sentiu discriminação na classe média em que se encontra?

Sim, de forma dissimulada. Quando sabem que eu sou a Dona do restaurante, ficam beges, mas eu me posiciono. Não me rebaixo. Nós negros, temos que se impor. Se referindo a mim, negra. Acredito que o branco, não quer que o negro se ascenda. Eu digo sempre aos meus filhos: - o negro pode tudo, pois somos capazes. Os direitos são de todos. Você que faz o seu destino. Independe da classe social que pertence (...) Infelizmente, sinto que o maior preconceito é o da renda, ou seja, da classe social que você se encontra. A vida se divide em quem possui ou quem não possui (...) O pior do que ousou constantemente é: Você é Uma preta de alma branca.

No final do relato acima, Adalgisa reconheceu que já sofreu e senti discriminação racial e diz que o preconceito no Brasil não é de classe e sim de cor. Conclusão, por mais que Adalgisa diga que não sofreu racismo, se contradiz dizendo que precisa se posicionar cotidianamente, para se impor na classe social que se encontra.

O segundo a ser entrevistado foi:

O publicitário, Reinaldo Nivaldo da Silva Junior; 30 anos de idade; negro; solteiro e sem filhos. Nascido na cidade do Rio de Janeiro- RJ e morador da cidade de Cabo Frio- RJ. Formado em Publicidade e Marketing pela Estácio de Sá- Pós Graduado em Gestão de Negócios e Gestão Competitiva pela ISPM.

Entrevistadora: Como foi a sua infância ? Sofreu discriminação racial?

(...) Sempre morei em um bairro de classe média. Meu pai proprietário de uma empresa de Prestação de Serviços muito empenhado e preocupado com a nossa educação, colocou eu e meu irmão no colégio particular. Minha formação escolar foi desde o Jardim de infância até ensino médio no Colégio Santa Mônica. Quase não existiam negros na escola. Na minha sala de aula, era somente eu. Já sofri racismo dentro e fora da escola (...) Eu sempre tive que ser o melhor da turma. Sendo assim, vivenciei e sofri por situações constrangedoras na infância, até hoje (...) Na minha empresa, nos restaurantes que frequento, enfim, sinto e sofro cotidianamente a discriminação porém, não me rebaixo. Tenho que ser o melhor (...) Fui criado nessa realidade de possuírem poucos negros no meu holl de amigos; nos lugares que frequento então, preciso me destacar.(Reinaldo)

Reinaldo, nessa fala exprime a necessidade de colocar de maneira competitiva frente aos brancos que pertecem a mesma classe social que está. Isso pare do pressuposto que os não-brancos nessa posição deverão ser melhores cotidianamente porque é negro. Citação.

Entrevistadora - Que religião você é ?

A minha família é formada no berço evangélico. Sempre ouvi dizer que meu pai, teve que ralar muito para possuir o que atualmente conquistou (...) Vou contar um pouco da vida dele (...) Foi órfão de pai aos 07 anos de idade. A minha avó era dona de casa. Ele vendo a situação que sua família ficar precária financeiramente, resolveu trabalhar entregando carroto com mais ou menos 7 anos de idade. Morador da favela da Penha- RJ, aos 8 anos ingressou no Exército e se formou em Engenharia Elétrica. Foi até professor Universitário nesta área. Abriu uma empresa de prestações de serviços com seu irmão. Faliu e atualmente sou sócio com ele no mesmo ramo empresarial.

Minha mãe nascida em Minas, teve uma criação mais tranqüila. Negra, já formada em Fisioterapia conheceu o meu pai quando veio morar com seus pais no Rio(...)Sinto muito orgulho deles. (Reinaldo)

Entrevistadora- Qual foi a trajetória para a ascensão social? Quais foram os mecanismos que levaram esse crescimento pessoal, social, etc?

Durante a Faculdade, participei de um concurso sobre Marketing. Ganhei e fiquei de 2007 a 2008 nos EUA como se fosse um curso de extensão. Fui contratado pela Canon (...) Foi uma experiência extraordinária(...) Dessa maneira que me estabilizei financeiramente na área de publicidade. Claro que tive ajuda dos meus pais nesse processo. Sem eles, literalmente, nada seria (...) Graças à Deus, hoje tenho dois apartamentos, carros,etc (...)

Entrevistadora- Hoje você possui duas empresas. Uma como sócio Majoritário e a outra como sócio junto com o seu pai. Diga-me, como foi o processo para adquirir estes bens? Como foi a sua trajetória empreendedora?

Quando a empresa de meu pai faliu, ele reabriu comigo com mais infra-estrutura e de maneira moderna. Prestamos serviços para empresas como a Coca-Cola, Casas Bahia, Casa e Vídeo, enfim buscamos a qualidade dos nossos serviços. Em contrapartida, abri, sem a presença de meu pai, uma empresa de Eventos. Promovemos o Marketing e fazemos acontecer, festas, shows, programações em boates, desse modo, este trabalho sim, é a minha . Vocação e realização profissional. (Reinaldo)

Entrevistadora- Você já sentiu alguma discriminação na classe social em que se encontra?

Como disse anteriormente, todos os dias. A discriminação ocorre da seguinte maneira, quando digo que sou o dono da empresa, me olham desconfiados. Não sabem aonde vão enfiar os seus rostos de tão envergonhados que ficam (...) Na sociedade que nós estamos, vivenciamos diariamente com o racismo. E como cidadão negro, da classe média brasileira, “sinto privilegiado”, pois, não passei fome, não tive problemas

financeiros mas sei, que a maioria da população negra, passa por dificuldades em várias esferas sociais, isso me incomoda.

No relato anterior, Reinaldo, aborda sobre a situação da maioria, dos não-brancos que estão ainda a margem da sociedade brasileira. Citação.

Entrevistadora: Faz parte de algum movimento social?

A minha família faz parte de uma Ong. Administramos um Projeto Social: Esperança pela Vida na Comunidade em Bangu. Lá, temos artes marciais e aulas de computação. Nós acompanhamos a vida dos alunos inseridos no projeto. As notas escolares entre outros aspectos são analisados e os incentivamos com objetivo de afastá-los da marginalidade.

Entrevistadora- A sua identidade foi baseada por valores pautados, nos costumes aquilo que afrodescendentes?

A minha identidade foi pautada no respeito ao outro. Na gentileza e educação que devemos ter com o ser humano. Independente da cor, religião, crença, valores dele. Somos alimentados pela fé. Temos que acreditar no nosso potencial e buscar o melhor. Sou negro, mas, gosto de Rock por exemplo (...) Não acredito também que deva casar somente com mulheres negras, porque eu tenho que gostar da pessoa. Não será pela cor, e sim pelo caráter dela(...) (Reinaldo)

A terceira a ser entrevistada foi:

Advogada, Margareth Ferreira da Silva, 53 anos de idade. Negra. Divorciada com dois filhos. Formada pela Faculdade de Direito pela UFRJ- Pós-Graduada em Relações Étnicas Raciais- UFF. Nascida na cidade do Rio de Janeiro e residente na cidade de Cabo Frio-RJ.

Entrevistadora- Qual foi a trajetória para a ascensão social? Quais foram os mecanismos que levaram esse crescimento pessoal, social, etc?

Meus pais sempre valorizaram a educação. Morávamos em Nova Iguaçu. Minha mãe era costureira. Meu pai, funcionário da Philipis no Centro do Rio de Janeiro. Viemos para Cabo Frio em 1968. Meu pai caminhava pela esquerda era comunista e

com o Golpe Militar, teve medo de ser perseguido, a nossa família teve que fugir. Por esse motivo, viemos para o interior do Rio (...) Eu tinha 05 anos de idade quando vim pra cá. Na época, estudava em escolas públicas mas, nas melhores escolas da Cidade. Meu pai, ao chegar a Cabo Frio, abriu uma loja. Era o único comerciante negro da cidade. Sentia muito orgulho dele. Como gostava das questões políticas, meu pai engajou num sindicato. Era baiano arreado. Já tinha essa questão racial muito mais afiada do que a dos cariocas. Ele era um grande homem. Meu exemplo de vida e resistência (...) Infelizmente faleceu (Margareth)

Entrevistadora- Como foi a sua infância em relação ao racismo? Sofreu discriminação racial?

Cabo Frio na época da minha infância era segregada, como morávamos em um bairro de classe média, o preconceito foi a nossa condição favorável em relação a outros negros que viviam nas favelas. Meu pai me levava e buscava de carro. Me “sentia”. Sendo comunista, acreditava na escola pública de qualidade. Então, me colocou numa escola de renome. Porém, não fui muito bem aceita. Lembro de situações vexatórias que sofri na 5ª série dessa escola. Lá, a única negra que estava em uma classe avançada era eu. Puseram-me um apelido de passa-quatro. Sofri muito bullying e racismo. Um certo dia, a professora saiu de sala e os meus amigos começaram a jogar bolinhas de papel em mim. Fui para fora e a diretora me chamou a atenção sobre isso e não me perguntou o motivo pelo qual estava fora de sala. Pediu para todos que escrevessem que éramos indisciplinados e devíamos nos comportar. Eu não aceitei. Ela me deu suspensão. Meu pai foi à escola para saber do ocorrido, me compreendeu e me tirou dessa escola. Reconheceu que sua filha era vítima de racismo até mesmo pela própria diretora que se omitia com que estava acontecendo (Margareth)

Entrevistadora- Que religião você é?

Sou candomblecista. Fui católica mas, abandonei a religião. Fui Kadercista. Depois fui para a Umbanda. E durante 05 anos segui a igreja evangélica porém, quando conheci o movimento negro em 1986 fui convidada por uma amiga e convidada a participar me reencontrei como negra. Conheci até Lélia Gonzalez. Nessa auto-avaliação, descobri no Candomblé, a capacidade do negro fazer a imersão. Uma volta ao tempo (...) Com essa transcendência, me faz pensar nas injustiças que fizeram o sentir negro (...) É mágico.

Sinto que me encontrei no Candomblé pois, é mais que uma religião; é uma filosofia de vida.

Entrevistadora- Diga-me, como foi o processo para adquirir estes bens? Como foi a sua trajetória empreendedora?

Minha família é empreendedora. Quando me formei, montei um escritório em 2002 que ficava no quintal de minha mãe. O escritório expandiu, chama-se: M. F. Advocacia & Advogados Associados, o possuo há quinze anos. Sou Fundadora também de uma Ong. Nessa realização a Ong se transformou em uma Produtora de Eventos voltada para a cultura Afro(...) Através da Ong, realizamos uma Programação de TV que aborda questões raciais. O que mais me orgulha nessa instituição é a utilização da mão de obra dos integrantes do terreiro. Busquemos aglutinar, trabalho com renda. Sou apaixonada com a profissão que exerço e por meio da Ong me sinto mais realizada por expandir e colaborar com a cultura afrodescendente.

Entrevistadora- Você já sentiu discriminação na classe social em que se encontra?

Não. Deixa eu pensar(...) Sim. Viu se nós “puxarmos da mente”, lembremos de coisas que não gostaríamos de ter vivido ou de ter sofrido(...) Diferente da época de criança que o racismo me fazia mal, hoje luto constantemente contra a discriminação(...) Para você ter uma idéia, sou contratada para advogar pois, sou uma advogada profissional de renome aqui na Região porém, não sou muito cotada para ir aos coquetéis que os meus clientes fazem em suas residências ou condomínios. Quando usei tranças no cabelo então... Senti mais o racismo, as pessoas não gostam de tranças (...) Um episódio que aconteceu comigo foi no Fórum, um promotor achou que eu não era digna de estar na sessão por ser negra embora, estivesse a caráter com trajes de advogada, não me reconheceu como tal, e ainda me questionou porque estava sentada ali. Foi deprimente. No entanto, me posicionei e disse que eu era advogada responsável pelo caso. Sou mulher de fibra.

Quando foi perguntado se tinha sofrido por discriminação racial na classe que se encontra, imediatamente disse que não. Porém, ao clarear a memória observou que tinha sofrido por várias situações inclusive em seu ambiente de trabalho.

Entrevistadora- Faz parte de algum movimento social ?

Faço parte da MNU. (Movimento Negro Unificado) criado por Lélia Gonzalez. O movimento fez me expressar melhor. Pensar sobre o outro em situações de risco. Entre outras realidades que o homem branco insiste em reforçar da idéia de sermos inferiores. Não querem que dominemos outros espaços, além das “senzalas”.

Entrevistadora: A sua identidade foi baseada por valores pautados, nos costumes afrodescendentes?

Fui criada nos bons costumes. Isso deve ser propagado. O meu pai fazia o contraponto, o despertar de uma luta incansável pela liberdade e pela apropriação de direitos. Cresci com esse propósito, lutar por mim e, sobretudo pelos menos favorecidos para que haja igualdade na sociedade brasileira. Parece utopia mais devemos acreditar para que ocorram mudanças. Nesse sentido, a família negra, como a minha, tenta manter o preço da sobrevivência nessa lógica eurocêntrica e o que a elite branca teme é na mudança para a cultura “Afrocêntrica” pois, a nossa ascensão é um perigo para a sociedade.

O quarto a ser entrevistado foi:

O Suboficial da Marinha do Brasil/ Mecânico de Helicóptero, Marcelo Soares Alves, 46 anos de idade; negro. Formado em Administração pela Estácio de Sá. Casado com dois filhos. Nascido na cidade do Rio de Janeiro- RJ e residente em São Pedro da Aldeia -RJ.

Entrevistadora- Qual foi a sua trajetória para esta ascensão?

Primeiramente eu pensava que a Marinha só formava cidadãos somente para o militarismo porém, soube quando ingressei, que a Força Marítima também reúne competências para a parte profissional, como esportista, mecânica entre outras funções que abrangem a sociedade. Enfim, aos 16 anos fui para o internato Militar que fica em Santa Catarina. Nessa Base, é o período de Formação para ser Marinheiro pois,

inicialmente nos tornamos como tal. Logo após desse período, seremos Cabo aí, você passa a ter direito de escolher uma profissão. Podemos nos especializar para Aviação, Artilharia; Mecânica(...) Junto com o treinamento Militar. O meu crescimento profissional foi sendo galgado aos poucos(...)

Entrevistadora- Como foi a sua infância?

A minha infância foi tranqüila na medida do possível. Tive as coisas básicas para sobreviver. Somos três irmãos e meu pai trabalhava como pintor e minha mãe Dona de casa. Não foi fácil para os meus pais criarem nós três devido a situação financeira mas, o pouco que tínhamos, foi o suficiente para conseguirmos estudar, se alimentar, trabalhar... Estudei na escola pública do jardim de infância até o Segundo Grau. Minha infância e adolescência foram na Baixada Fluminense pertencente ao Estado do Rio de Janeiro. Aos 15 anos, resolvi estudar num curso preparatório para carreira militar(...) Fui aprovado e nesse minha vida mudou(...) Ingressei na Marinha do Brasil aos 6 anos de idade(...) Os meus pais sempre me incentivaram a estudar. Eles só possuem o primário mas, acreditaram no futuro promissor para nós três através da educação, acreditavam que os estudos iriam superar a pobreza(...) Foi o que aconteceu. (Marcelo)

No relato acima podemos perceber dentre os entrevistados, esse foi o que privou na infância de algum consumo pois, seus pais possuem dificuldades financeiras no entanto, acreditavam na educação como mecanismo de mudança.

Entrevistadora- Você já sentiu discriminação na classe media em que se encontra?

Dentro do meu espaço de trabalho foi pouco. É que na Marinha você vive dentro de um ambiente familiar. É algo que fortalece. E as diferenças normalmente são hierárquicas. Agora, a discriminação externa é maior. Digo fora do trabalho. A pior, talvez mais constrangedora ocorreu quando uma senhora em uma Agência Bancária, achou que eu era bandido e iria assaltá-la. Eu não tive reação (...) Só queria ajudá-la com o intuito de conduzi-la até a fila preferencial. Ela escondeu a sua bolsa achando que eu iria roubá-la. Isso sim, foi constrangedor (...) Percebi também que no meio militar, muitos se casam com mulheres ou homens brancos. Associam a classe social que se encontram com a cor da pele (...) E acredito que exista preconceito racial com a minha família quando não somos chamados para as festas que ocorrem na casa dos meus amigos de trabalho(...) Até hoje a sociedade quer que o negro continue numa posição menos favorecida.

Podemos contar nos dedos quantos médicos, engenheiros, juizes, enfim, que estão nessas posições de liderança. Temos que mostrar para a sociedade que somos capazes. Que somos iguais para isso, o negro precisa se posicionar frente ao problema que é o racismo. (Marcelo)

Entrevistadora- Faz parte de algum movimento social. Ajuda alguma Ong?

Não faço parte de nenhum movimento social mas, tampouco ajudo a nenhuma Ong. Gostaria de participar de algumas reuniões do Movimento Negro pela região porém, não sei como funciona. Quando ocorrem, etc. Mas, tenho vontade de saber mais sobre a cultura afrodescendente porém, não sei por onde começar(...)

Entrevistadora- A sua identidade foi baseada por valores, costumes afrodescendentes ?

Sempre gostei de samba. Feijoada, Capoeira. Sempre me envolvi eu e minha família com eventos culturais voltados para a cultura negra. Eu sei que a Região dos Lagos possui vários eventos culturais porém, pouco divulgados. Principalmente deveriam existir ações para crianças e adolescentes para que o orgulho negro nasça nesses jovens no qual, a mídia invade a cabeça deles para o consumo, a beleza européia, as drogas (...) entre outros estigmas pejorativos que alimentados pela sociedade diariamente.

Entrevistadora: Qual é a sua religião?

Minha religião é o catolicismo. Desde pequeno frequento a igreja perto de casa. Fiz todos os sacramentos religiosos. Sou até crismado (...). Enfim, acredito em Deus e o sigo. Passo os ensinamentos bíblicos para a minha família.

Entrevistadora: Além de ser Suboficial, possui uma empresa pode falar um pouco sobre ela?

Essa empresa surgiu em 2012, junto com a minha esposa que possui dotes culinários (..) É caracterizado como Buffet: Angélica Tortas e Salgados Ltda (..) A empresa é gerenciada por mim. O público alvo, é o familiar pois, vendemos oras, salgados, doces(...)trabalhamos com a alimentação e a ornamentação da festa por toda a Região dos Lagos. Vamos aonde chamar (...). A gente se organiza da seguinte maneira: Eu fico com a parte da divulgação, administração e Marketing. Ela com a confecção dos produtos e a ornamentação dos eventos. É o que possibilita darmos o de melhor para os

nossos filhos sobre o aspecto financeiro, principalmente a educação necessária para o crescimento pessoal deles(...)

(Marcelo)

3. Resultado da análise sobre a pesquisa de campo

Antes de qualquer coisa, as entrevistas ocorreram de forma livre, apesar de elaboração de perguntas sistematizadas. Os entrevistados, em sua maioria, ficaram receosos por serem entrevistados, principalmente por saberem o teor da análise, sobre a vida financeira destes.

Nesse contexto, O resultado sobre a pesquisa de campo possuem pontos preponderantes: todos disseram que não tinham sofrido discriminação racial. Outro resultado que chamou atenção foi o fato de a maioria, terem passado por uma situação vexatória de discriminação racial e não reagiram de forma judicial. Observou-se também que todos possuíram uma construção familiar que deram base para ascenderem socialmente.

Mais um ponto relevante foram que todos os entrevistados mencionaram que são olhados com curiosidade quando participam de atividades relacionadas à classe média, e desconfiança quando querem adquirir ou desfrutar dos bens sociais e simbólicos associados a pessoas de poder aquisitivo mais elevado. E mesmo quando de posse desses bens, há o constrangimento provocado pelas diversas perguntas acerca efetiva possibilidade de que aqueles indivíduos negros venham a ser os verdadeiros proprietários de determinados bens, que tenham suficientes recursos financeiros para quitar uma dívida adquirida, ou que possam frequentar espaços sociais identificados com a classe média”.

As entrevistadoras, Adalgisa e Margareth, demoraram a perceber que o tratamento desigual a elas dirigido, tenha sido efetivamente uma discriminação em bases raciais. Como enfatizei, todos os entrevistados mencionam a discriminação racial, contudo, isso não significa que todos reajam frente às práticas discriminatórias. Ainda existe um grande hiato entre o reconhecimento da discriminação racial e a tomada frente às práticas discriminatórias.

Quase todas as falas evidenciam o reconhecimento de um recorte principalmente pela educação, sociabilidade e lazer de que desfrutaram durante a infância pois, o entrevistado Marcelo, quando criança, possuiu algumas limitações financeiras entretanto, constituiu uma base educacional promissora nas Forças Armadas.

Por outro lado, todos gozam do empreendedor de possuírem suas próprias empresas gerenciando, administração e pondo tais vocações em ação.

No aspecto, religioso, a análise ficou dividida pois, tivemos dois que freqüentam matrizes religiosas, um evangélico e um informante, católico.

Por fim, a pesquisa demonstrou que apesar de termos avançado nas pesquisas, conhecimentos, desdobramentos sobre a cultura afrodescendente sobre forma de empoderamento, não sabemos lidar ainda com o medo; com a diferença. Vários relatos nos mostram, a face do racismo, velado ou não permeia sobre qualquer classe social. Para que erradique este “tumor”, precisamos avançar discutir princípios que constroem as ideologias e procurar meios para superá-los como o reconhecimento da autonomia como arma poderosa para a formação identitária do cidadão brasileiro

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com objetivo de colaborar com essa área de pesquisa me propus estudar a maneira como a experiência de mobilidade se inclui ou não com a elevação de uma identidade negra. O interesse pela temática surgiu quando durante o período da faculdade tive a disciplina sobre a cultura afro brasileira na qual, me impulsionou a estudar mais sobre o assunto e a compreender a assunção, construção e quebra de paradigmas da classe média como precursores de mudanças étnico/racial na sociedade brasileira no sentido de transformações e posicionamentos, através da hierárquica social viabilizariam a obstinação. Apesar, que ocorra modificações na composição econômica, profissional e na condição educacional do indivíduo, nesse sentido, a transformação de ascensão dos “sujeitos de cor”, na esfera socioeconômica estende a um cenário como uma falácia, talvez uma maneira de andar na contra mão no que se refere a cultura negra e a situação de pobreza em que se encontra a maioria dos negros brasileiros.

A pesquisa permeou primeiramente com o esclarecimento econômico sócio-político, no período de transição para uma sociedade de classes, visavam manter a distância entre o branco e o negro. Dessa forma, o que acontece nos dias de hoje em relação ao negro,

que possa parecer fruto de preconceito e discriminação, tem bases nas condições histórico-sociais, que preservaram as estruturas elaboradas sob o regime escravocrata. Logo em seguida, abordou a construção de uma classe média urbana no Rio de Janeiro. Tendo em vista, a mudança de comportamentos e valores do negro que ascende, a pesquisa pontuou a construção identitária da classe média negra.

Passeamos por processo desigual de forma estatística que os não-brancos vivem na sociedade que respinga tensões raciais. Mas, ao mesmo tempo, fechou as possibilidades de que o negro e o mulato fossem beneficiários dos direitos e garantias sociais. Por fim, vislumbramos a pesquisa de campo sobre negros que ascenderam no interior do Rio de Janeiro. Conclusão, o preconceito velado é confortável para a sociedade tradicional brasileira e permite algumas racionalizações, tais como: “o negro não tem problemas no Brasil”; dessa forma, as oportunidades para uma real ascensão socioeconômica e política existirá quando todos forem contemplados na real igualdade de direitos e respeitados como cidadãos, sem distinção alguma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Fenandes , Flores. **Classe Média Negra no Brasil. Negros em Ascensão social.**
Disponível em: < www.espacoacademico.com.br>
- **A ascensão da Classe Média Negra e o estranhamento pele negra.**
Disponível em : <pelenegra.blogspot.com>
- **Políticas Públicas para ascensão dos negros no Brasil.** Disponível em:
<afrolatinos.palmares.gov.br>
- **A inserção do negro na sociedade brasileira : uma questão indiscutível .**
Disponível em: <www.recantodasletras.com.br artigos social-economica>
- **A ascensão dos negros –** Disponível em: <arquivo.geledes.org.br>
- **A ascensão dos negros na sociedade brasileira-** Disponível em : jornal
< www.avozdaserra.com.br>
- **Não é ascensão social negra, que aumenta o racismo , ela só desnuda.**
Disponível em: < www.revistaforum.com.br>
- VANIA, Lucia. **A ideologia racial brasileira e a ascensão social do negro.**
Disponível em: <aredacao.com.br> e <googleweblight.com>
- Souza, Neusa Santos. **Torna-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Editora : Graal, 1983.
- AZEVEDO, Thales de. **As elites de cor numa cidade brasileira: um estudo de ascensão social & classes sociais e grupos de prestígio.** Salvador: EDUFBA/EGBA, 1996.
- FIGUEIREDO, Angela. **Novas Elites de Cor: estudo sobre profissionais liberais negros de Salvador, 2002.**
- **Lutas de classes.** Disponível em : <<http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br>>
- KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil.**2. ed. Prefácio e tradução de Luís da Câmara Cascudo. Recife: SEC; Departamento de Cultura, 1978.
- **A Miscigenação do Brasil sob o olhar de Gobineau.** Disponível em:
< <http://www.historiaehistoria.com.br>>

